

# Avós – Raízes e Nós

2ª edição



## **Ficha técnica**

Título: Avós - Raízes e Nós

Organização: Aida Baptista, Ilda Januário e Manuela Marujo

Revisão: Aida Baptista

Tradução: Ilda Januário

Design e paginação: Editora Alma Letra

Ilustração: Izabela Kowalska-Wieczorek

Editora: Alma Letra [www.almaletra.pt](http://www.almaletra.pt)

1ª edição, julho 2020 (1000 exemplares)

2ª edição, Viseu, junho 2023

Impressão e acabamentos: Publito - Artes Gráficas

Tiragem: 1000 exemplares

ISBN: 978-989-9140-04-2

Depósito legal: 518633/23

## Índice

Nota de Abertura .....	005
O fio do tempo nas narrativas de Avós: Raízes e Nós - Inez Marques .....	007
Letra para um Réquiem - Aida Baptista .....	015
Preso no 1º de Maio - Aida Jordão .....	017
Carta à Avó Valdomira - Alexandra Silva .....	021
A Glória da Senhorinha - Alzira Silva .....	023
Correspondência de Vida - Ana Roque Oliveira .....	027
Na Cozinha da Minha Avó na Década de 30 - A. Galopim de Carvalho .....	031
Amar Perdidamente - António Luís Cotrim .....	035
Pares ou Nunes? – António Matias Coelho .....	039
A Avó Glória - Artur Goulart .....	043
Menina - Berta Bustorf .....	047
A Neta da Felisbela - Carla Palma Fernandes .....	051
Uma Avó Adotiva - Carmen Carvalho .....	055
Avó Lucila de Jesus - César da Silva .....	059
Memórias de Infância - Chrys Chrystello .....	063
Avô, a Sua Bênção - Diniz Borges .....	067
Do Inventário sobre a Minha Infância - Eliane Veras da Veiga .....	071
Reading with My Grandfather .....	075
Lendo com Meu Avô - Emanuel Melo .....	077
Minha Avó Mantuana - Emílio Boschilia .....	079
O Mau - Fernando Nunes .....	083
Avós: uma Marca Indelével na Minha Vida - Graça Castanho .....	087
O Lenço da Minha Avó - Humberta Araújo .....	091
My Avó: A Biography in Faded Memory .....	093
A Minha Avó: uma Biografia Desbotada pela Memória - Humberto da Silva .....	097
À Procura de Aurora e de Raul - Ilda Januário .....	101
O Tempo do Meu Avô - Almocreve de Palavras e Afetos - Inez Marques .....	105
A Minha Avó, dentro da Minha Mãe, dentro da Minha Tia - Irene Marques .....	109
Um Século de Avó - Isabel Nery .....	113

A Avó Gertrudes - Isabel Sebastião .....	117
Isabel do Encarnado - João Vicente Faustino .....	121
A Minha Avó e Mãe Luísa - Joaquina Pires .....	125
A Avó Que Amava os Livros - José Manuel Esteves .....	129
A Liberdade e outras Conquistas - José Manuel Pyrrait .....	133
Vicente Serras, o Meu Avô “Músico” - José Martinho Gaspar .....	137
Letters Between My Portuguese-American Grandmother and a Son .....	141
Cartas entre a Minha Avó Luso-americana e um Filho - Katharine Baker .....	145
Era uma Vez uma Vaquinha Chamada Vitória... - Lélia Nunes .....	149
Carta à Minha Avó - Luciana Graça .....	153
O Teu Nome, Maria do Carmo - Luís Gonçalves .....	155
De Belém do Pará a Manaus - Luísa Maria Desmet .....	159
A Memória Que Não Morre - Madalena Balça .....	163
A Avó Maria Aguiar - Manuela Aguiar .....	165
Avós Marienses - Manuela Bairos .....	169
A Avó Deixou de Cantar - Manuela Marujo .....	173
Vó Damião, Velho Parceiro - Marcos Pinheiro .....	177
Daisy - Margarida Estela Ferreira .....	181
O Caderninho de Capa Preta - Maria da Conceição Nunes .....	185
Memórias Soltas de uma Novela do Minho - Maria João Ruivo .....	189
Meu Pãozinho de Trigo - Maria Zilene Cardoso .....	193
Minha Avó, Mãe Maria - Martinho Silva .....	197
Vento, Chuva e os Comboios a Passar - Michael do Carmo Baptista .....	199
A Mão Que Ainda Hoje me Segura - Miguel Borges .....	203
O Linho da Minha Avó - Milai Sousa .....	205
Memória de Meus Avós - Nereu Vale Pereira .....	207
As Velas de Novembro - Paulo da Costa .....	211
Encarnação sem Sobrenome - Pedro Paulo Câmara .....	213
As Escolhas de Maria - Roselli Boschilia .....	217
Retrato a Branco e Preto - Sandra Paula Barradas .....	221
A Vó Milóca - Sérgio Ferreira .....	225
Avó Mariana - Teresa Roque .....	229
O Meu Avô Conde - Urbano Bettencourt .....	233
Epílogo - Avós e Netos - Sem Pontes de Afetos - Aida Baptista .....	237

## Nota de Abertura

Quando somos crianças, contamos os anos pelos dedos das nossas mãos até ao dia em que estes deixam de ser uma unidade de medida do tempo. A idade passa, depois, a ser um traço por cada dia que acrescentamos ao nosso viver quotidiano. Sem sabermos ler nem escrever o futuro, riscamos o presente com rotinas, aprendidas no seio da família, para depois as alargarmos a outros núcleos - amigos, colegas e conhecidos – seguindo os passos dos nossos pais e avós.

Na partilha gregária de vivências comuns, vamos envelhecendo, como parte de uma geração que tem beneficiado do aumento do índice de longevidade traduzido numa cada vez maior qualidade de vida. Quando celebrávamos a possibilidade de, através do envelhecimento ativo, acrescentarmos mais vida aos anos, surge uma pandemia que nos cataloga como grupo de risco, ditando um confinamento que obriga ao corte com todos os afetos intergeracionais.

E os avós deixaram de poder cuidar dos netos e os netos de receber o carinho dos avós. Um vazio preenchido com as mais diversas aplicações que as tecnologias colocaram à nossa disposição, mas que nunca conseguiram substituir a canção de ninar, o aconchego de um colo, a ternura de um abraço ou qualquer outro mimo que só a presença física pode dar.

Os netos interrogavam-se sobre esta repentina ausência que tão presente fora, até então, nas suas vidas; os avós, a quem o convívio foi negado, sentiram-se vítimas de um roubo. Roubo de um tempo de cumplicidades e intimidades que ficariam por viver e deixariam de aumentar o património de memórias construídas nesta ponte de afetos entre avós e netos.

E porque confinamento foi sinónimo de isolamento, este era o

tempo ideal para refletirmos sobre os danos que estas ruturas afetivas causaram a muitos avós que, durante meses, se viram privados da companhia dos netos. A melhor forma de os homenagear seria, através de um conjunto de narrativas, recordar a forma como os avós – presentes ou ausentes – marcaram as vidas de todos nós.

A rápida receptividade e incondicional generosidade dos que foram convidados a participar, permitiram reunir um conjunto de textos que, em nossa opinião, mereciam ser publicados. Assim nasceu esta coletânea com testemunhos de autores de diferentes origens, ocupações, idades e países, mas unidos pela memória que cada um tem de seus avós, que pode ser recordada nesta galeria de retratos, emoldurados no que significou para eles ser neto ou neta, tanto em Portugal como em outros pontos do globo.

Para além da intensidade dos laços e nós dos afetos, estes textos dão-nos também retalhos de geografias, tradições nacionais e locais, épocas e maneiras de ser e de estar no espaço e no tempo. São, por isso, histórias que se completam no conteúdo e no prazer da partilha.

*Aida Baptista*

*Ilda Januário*

*Manuela Marujo*

## O fio do tempo nas narrativas de *Avós: Raízes e Nós*

Coletânea de 58 textos narrativos memorialistas feitos por netos e netas sobre os seus avós, *Avós – Raízes e Nós* tem um título metafórico num jogo semântico que se relaciona, de forma muito harmónica e bem conseguida, com a imagem da capa. Os avós são essa árvore de ancestralidade e transmissão de património cultural, funcionando como raízes que veiculam gerações, firmando os laços que são os nós que ligam as suas vozes aos nós (os netos seus perpetuadores na construção doutros afetos futuros).

Os narradores e os seus avós não coincidem na sua localização geográfica, que é sintomática de fenómenos migratórios característicos e constantes na sociedade portuguesa desde os finais do século XIX até meados do século XX. A Europa e a América são os lugares de referência destas correntes de afetos.

Os “nossos avós” aqui nomeados têm rosto e são singulares, mas pertencem a um todo que era o Portugal atávico dos finais do século XIX até aos anos setenta do seguinte. O país era essencialmente rural, pouco industrializado, com fortes assimetrias regionais que a distribuição geográfica da população confirma. O norte dos minifúndios e de maior densidade demográfica contrasta com a imensidão de solidões do Alentejo dos latifúndios que desmaia no Algarve quase mediterrânico. Sem pormenorizar as características económicas e seus contrastes regionais, o território nacional espelha uma constante que se mantém até aos nossos dias: um interior rural e muito pobre e um litoral industrializado e mais dinâmico, um país bipolar que se evidencia na oposição entre a província e os núcleos urbanos de relevo.

É neste contexto que se pode explicar que a proveniência dos

avós evocados coincide com esta província a norte do Tejo responsável pelo êxodo rural e pela emigração como constante da nossa História. Os grupos sociais a que pertencem estes homens e mulheres, grosso modo, são classes populares situadas entre os estratos pobres e médios da população rural e urbana. Destacam-se poucos exemplos de elementos pertencentes às elites do campo ou da cidade.

Em termos sociais, o núcleo base onde se inserem os avós é a família nuclear completamente integrada nas comunidades aldeãs a que pertencem. Essa célula constitui-se dentro dos parâmetros tradicionais assentes nos valores católicos ultramontanos que raramente se deixa abanar pelas propostas de laicização e alteração veiculadas pelos liberais e republicanos do início do século XX. Este quadro ideológico da valorização da família tradicional acentua-se com o Estado Novo onde a trilogia liberal ou qualquer outra são substituídas por aquela que faz radicar o Estado como um organismo vivo cujas raízes são a família servidora de Deus e da Pátria.

No universo narrativo analisado, todo este quadro familiar se confirma. As mulheres são, na sua maioria, domésticas, trabalhadoras incansáveis no campo, parceiras secundarizadas dos maridos que, por vezes, cumprem mal os deveres de chefe de família, assumindo nesse caso as rédeas do comando da estrutura, sem contudo a porem em questão. A roda da vida, em muitos casos, torna-as viúvas em idade muito jovem. Rodeadas de prole numerosa, superam todas as barreiras ou limites e transformam-se em grandes Mães Coragem, futuras avós transmissoras do legado patrimonial aos netos numa cadeia de afetos exemplares.

A este modelo generalista e comum aos vários estratos sociais e ao meio rural e urbano, há narrativas que nos apresentam exemplos de mulheres cujo comportamento é desviante da norma. A mulher poderosa, da alta burguesia, que vive um jogo inventado entre o desejo, a conquista e a liberdade, tão próxima da libertinagem. Verdadeira flapper, nos anos trinta do século XX, num meio ferverosamente religioso, conservador e censório (com bispo como confessor), fumava, conduzia automóvel, apaixonava-se, casava, descasava e até teve filho de pai incógnito. Esta é uma exceção, particularmente *sui generis*, longe de outro exemplo



desviante relativo àquela matriarca poderosa que viveu livremente o esplendor de uma vida burguesa glamorosa até enviuvar.

Um outro caso raro é aquela avó Maria que fez estranhas escolhas num mundo hostil desde 1910 até 1995, atravessando mundos sozinha com vida errática ou enigmática furando barreiras, e que galgou fronteiras em 1929, durante a segunda guerra. Casou, ficou viúva, teve filhos que ora criava ora entregava a amigos solidários quando não o podia fazer. Escolheu o amor, deixando os filhos e o padrão de mulher abnegada. Maria, a das escolhas difíceis, manteve-se em silêncio até à morte sobre as razões que a levaram a tais decisões.

Estes três casos desviantes da norma não alteram a imagem dominante das avós destes narradores. De um modo geral, são mulheres integradas na estrutura familiar, representando o seu papel secundário, mas, paradoxalmente, são combativas, fortes, algumas são mesmo poderosas. Quando viúvas, transformam-se em vultos negros de lenços amarrados na cabeça que tocam a vida como se encarnassem em si o espírito e a função dos homens que partiram.

Em menor número, os avós retratados, são os chefes da família, referidos como figuras de exemplaridade de conduta, caracterizados como pessoas sérias de “poucas palavras”, “conservadores e altivos”, de personalidade fechada e às vezes carrancuda e irritável ou como personalidades políticas, empáticas e alegres. Quer uns quer outros desmesuram-se em jogos de alegria com os netos cujo horizonte povoam com sonhos e ideais de eternidade e infinito. As suas vidas ultrapassaram a esfera doméstica e manifestam-se também como figuras públicas, mais ou menos reconhecidas pelas comunidades onde se inseriram. São, na sua maioria instruídos, ou seja, sabem ler e escrever, são músicos, têm as suas casas agrícolas, as suas oficinas de artesãos, graças ao dinheiro amealhado pelo trabalho, frequentemente, nos anos de emigrantes.

O seu estatuto social aproxima-se de um extrato de classe média, o que vulgarmente se identifica como “gente de algumas posses” e “gente bem remediada”. Os avós dão as mãos aos netos, lêem livros com eles ou simplesmente contam histórias da vida real, ensinando pelas suas narrativas de encantar o modo como se deve viver de modo honrado e com

valor moral reconhecido pela comunidade. As narrativas do masculino são exemplos de aceitação da moralidade ancestral, que preza o valor da palavra e honra compromissos, não se vendo laivos de contestação aberta ao sistema dominante. Só um caso nos dá a conhecer um avô cuja aura se relaciona como opositor ativo ao sistema. Era comunista, foi preso do Aljube.

Mesmo que nas narrativas perpassasse algum comportamento desviante da moral, como aquele avô que joga, salta de emprego em emprego, se desorganiza, há sempre a figura tutelar da avó que o faz arrepiar caminho e assim se conserta a vida de família. Nenhuma narrativa é disfórica. Todas retratam o avô ou a avó ou ambos com simpatia, ternura, muito afecto e saudade.

A cadeia de afectos que se estabelece entre avós e netos desenvolve-se no espaço doméstico, normalmente na casa que representa forte valor de representação na lembrança das memórias esfumadas da infância. A casa é referida pelos lugares onde se viviam os laços familiares, onde se liam histórias ou se ouviam contos no recosto de ternura do avô ou da avó. Prolongavam-se pelos jardins e quintais onde se brincava ou teciam aventuras imaginadas ou reais que mais não eram do que os trabalhos da lavoura que se faziam ao lado dos maiores, tais como a vindima, a desfolhada ou a matança do porco. As mansões ou casas das elites são minoritárias o que se compreende pois só uma minoria dos narratários provinha de elites urbanas ou rurais. A maioria tem raízes no meio rural pobre ou remediado. Destacamos destas referências genéricas e pouco precisas e pormenorizadas, dois textos que são testemunho vivo de que recomendamos análise profunda. Um descreve a cozinha típica alentejana, o outro refere-se à casa em geral.

A cozinha é a divisão central da casa onde se saboreia o fruto do trabalho, se respiram os odores e se apura o paladar. No seu centro está a lareira que aquece, ilumina e coze os mantimentos em panelas de barro ou de ferro e, como sinal da abastança, é lá que se localiza o fumeiro. A seu lado, o forno de pão. Também há referências às salas, que por norma só existem entre remediados ou abastados, sendo um espaço aberto, central, em comunicação com os quartos em número reduzido,

onde se acomodava a família numerosa em camas quase comunitárias, separadas por sexo.

Vimos, pois, como as narrativas dos netos e netas, quer de forma direta a partir do convívio, quer de forma indireta pelas evocações de memória através de outros meios como fotografias, cartas ou histórias ouvidas a terceiros, se referem a seus avós quase nunca de modo disfórico. Nos discursos, muitos deles de excelência literária, corre um rio de ternura, admiração, respeito, saudade pelos entes a quem se sentem vinculados por um forte elo parental onde a ancestralidade, as tradições, o património é assegurado num movimento contínuo que perpetua as histórias singulares de modo geracional. Sentimos também a negritude da viuvez, os lenços amarrados, os xailes nas costas, as mãos nodosas na testa, o olhar sério e a voz calada no peito sofrido daqueles avós com histórias únicas, ouvidas na beirinha da cama aos domingos ou lidas enquanto há luz do sol. Visualizámos as casas. As cozinhas. Sentimos os odores fumegantes da lareira e da sopa quente, saboreando as iguarias, os bolinhos, o arroz doce, as pupias. Viajámos pelo mundo fora na pele dos que seguiram para acrescentar ou constituir património. E que património!

Seguiremos a partir daqui um caminho de reconhecimento mais profundo e completo e sugerimos o olhar atento a esta dimensão humana e histórica que, com a aparência simples, nesta obra se construiu.



*O meu avô diz que um cepo  
é uma árvore com a memória a descoberto.*

Tina Vallès, A Memória da Árvore



## Letra para um Réquiem

**Aida Baptista, Sardoal, Portugal**

Professora, Ex-Leitora do Instituto Camões

Quando eu nasci, tu já não existias.

Partiras demasiado cedo, deixando viúva a avó Catarina e sete órfãos para criar - o mais velho dos rapazes, meu pai, com 14 anos. Foi na certidão de nascimento dele que te conheci: filho de Amadeu Batista - um nome e um apelido.

À medida que fui crescendo, fixei-te numa imagem sem corpo, emoldurada de vozes que me contavam o tão pouco que sei de ti. A partir delas, deitei-te no soalho do chão da sala, em posição fetal, enrolado nas dores que não aguentavas. Num rosto indefinido, tracei-te os esgares de sofrimento com que calavas a agonia que te roía por dentro. A vizinhança ouvia os gemidos que vinham da casa no cimo da rua, no cabeçaço, sem te poderem valer, que nem os médicos o puderam fazer.

— O meu pai sofreu muito e nunca lhe deram nada para o aliviar.

Era este o lamento recorrente de meu pai que, de tanto o repetir, parecia acompanhar-te ainda naquela dor, apesar de longínqua. Pouco mais acrescentava e eu também nada perguntava. Faltava-me a coragem porque, menina ainda, soube ler no seu silêncio a pesada carga da herança que a tua morte lhe deixara – uma mãe e mais seis bocas para alimentar. Cumprir um destino, que de repente lhe caiu nos braços, obrigou a urgências, a prioridades, que não deixaram tempo para chorar o luto da tua ausência.

— Prá frente é que é o caminho, rapaz! — dizia o pragmatismo dos mais velhos, treinados na luta pela sobrevivência.

E ele trillhou, literalmente, o caminho das pedras, com pancadas secas, fazendo do golpe certo na cantaria um modo de vida.

Já adulta, fiz muitas vezes com meu pai a estrada que nos levava de Moimenta da Beira até Pinheiros - a aldeia que te serviu de berço -, percorrendo as íngremes e sinuosas curvas escondidas nos pinhais. De vez em quando, ele interrompia a viagem:

— Olha, o meu pai trabalhou aqui... ali... e também além... —, apontando lugares definidos por uma toponímia de esforço e de cansaço, num tempo em que os pés marcavam o ritmo da caminhada.

Dizia sempre “o meu pai” e nunca “o teu avô”, pois tu não chegaste a ser avô – nem meu, nem de nenhum dos muitos outros netos que se seguiram –, porque bem cedo as nossas vidas se desencontraram.

Há muito pouco tempo, alguém descobriu uma velha fotografia de família. Figuras esguias perfilavam-se a preto e branco, as cores da fome e do servilismo que grassavam no país. Apesar de muito esbatida, consegui ver-te pela primeira vez e não me surpreendi. Percebi logo que tu e meu pai são dois lados de um só espelho, fundidos e confundidos nos mesmos traços físicos!

Satisfeita a curiosidade durante tantos anos alimentada, esta imagem pouco acrescentou à tua história de vida. Mas foi bom conhecer-te naquele pedaço de papel desgastado pelo tempo. Porque a moldura, até então, feita apenas de vozes e de lugares, pôde ganhar um rosto a juntar ao teu nome – Amadeu.



## Preso no 1º de Maio

**Aida Maria da Fonseca Jordão, Toronto, Canadá**

Artista e Professora de Teatro

Das muitas peripécias do meu avô Max, a mais emblemática foi a sua prisão no 1º de Maio de 1936, enquanto militante clandestino contra a ditadura salazarista. Na altura, vivia onde tinha nascido - uma vila operária em Xabregas, Lisboa. A Vila Dias era um bairro onde a PIDE (naquela altura PVDE) não entrava, com medo dos moradores antifascistas, muitos deles armados. O meu avô, com 26 anos, era comunista e tinha uma arma. Na minha infância, ouvi repetidamente duas histórias em que o avô fez uso da arma: a primeira cômica, a segunda trágica.

O avô Max contava que tinha obtido a arma para se defender, caso fosse necessário, enquanto desempenhava as tarefas de militante. Para aprender a usá-la, ia praticar tiro ao alvo no túnel do comboio que passava ao lado da Vila Dias. Um dia, depois de disparar umas quantas vezes, foi até à taberna encontrar-se com os amigos. Nisto, entra um vizinho visivelmente agitado a queixar-se que estava no túnel “a arrear o preso”, quando apareceu um maluco a tentar matá-lo a tiro. O avô não disse nem “ai” nem “ui” mas, dali em diante, deixou de usar o túnel como campo de tiro. Esta história tinha um final feliz – um vizinho assustado, mas são e salvo, e uma família a rir-se muito do absurdo da situação.

Noutra altura, o avô Max usou a arma com consequências graves, resultando em quase três anos de prisão como “extremista”, sendo este o motivo alegado que consta no Registo Geral de Presos de Peniche. A lendária história da sua prisão é contada com pormenores diferentes

e contraditórios. Resolvi pedir ao meu avô para passar ao papel o que se passou naquele dia e, como eu estava em Toronto e ele no Cacém, mandou-me uma carta com um conto intitulado “1º de Maio de 1936”, que ele terminava com o seguinte aviso: “Não há em todo este relato, qualquer parcela de dramatismo, mas tão somente a verdade dos factos, tal como se passaram, que nunca tive oportunidade de relatar assim em pormenor e nunca por escrito” (30 de Abril, 1990).

Nessa altura o avô Max já rondava os oitenta anos, e talvez tenha escrito o aviso por pensar que algum futuro leitor pudesse duvidar da sua memória ou acusá-lo de qualquer invenção. Eis um resumo:

*“Passava da meia-noite e meia e o Max estava a pintar a sigla PCP na parede da torre da Igreja da Madre de Deus; quando se preparava para pintar a foice e o martelo, apareceu um polícia que lhe apontou uma arma gritando, «Mãos ao ar!»! O Max puxou da sua própria arma e disparou contra o polícia duas vezes, mas não o atingiu e fugiram os dois em direções opostas, o Max para o Largo de Xabregas. Nisto, apareceram quatro polícias que o levaram ao local do tiroteio, e o polícia que tinha fugido a gritar «Prendam! Ele está armado!»; os quatro empurraram o Max contra a parede, puxaram das armas, e gritaram, «Mata-se já este gajo!» Mas, nesse momento, desceu de um elétrico um homem fardado que disse «Levem o homem, isto aqui não é nenhum matadouro», e acrescentou «se for preciso alguma coisa, telefonem para o Capitão Alves - Manutenção Militar»”.*

O avô Max falou muitas vezes do homem que o tinha salvado da morte nessa fatídica noite. Ou aparecia num carro, ou num veículo militar ou, como no relato escrito, descia do elétrico, mas o nome era sempre Alves.

O avô Max foi levado para a prisão do Aljube, junto de outros presos políticos, e depois para a penitenciária de Peniche onde permaneceu dois meses. Foi depois transferido para outra prisão, cujo nome desconheço, e mandado de volta para Peniche em 1938. Desta vez, o período de reclusão do avô Max coincidiu com o de Álvaro Cunhal durante umas seis semanas.